

Geografia da Comunicação: análise da produção intelectual do Dr. Milton Santos e a sua aplicação/relação com a Comunicação¹

Paulo Celso da SILVA²

Universidade de Sorocaba, São Paulo, SP

RESUMO

Este projeto contempla o levantamento e análise iniciais da obra do geógrafo Milton Santos, no ano em que se completam 11 anos de sua morte. A importância das obras será analisada com vistas às implicações e contribuições que possam oferecer para a área de comunicação, especificamente para o subcampo da geografia da comunicação. Para tanto dividimos em dois momentos: a obra acadêmica em formato de livros e artigos e a obra jornalística publicada em jornais de São Paulo e Bahia.

PALAVRAS-CHAVE: Geografias da Comunicação, Milton Santos, Espaço, Território Usado, Globalização.

Apresentação

No dia 24 de junho de 2001 o Brasil, acadêmico ou não, perdia uma importante pessoa, um brasileiro considerado cidadão do Mundo: Milton Santos. Deixou uma obra que ultrapassa os 40 livros, 300 artigos e vários doutorados *honoris causa* outorgados por universidades européias, norte americanas, brasileiras. Até a edição atual do Prêmio Vautrin Lud, instituído pelo International Geography Prize (Saint-Dié-des-Vosges, França), foi o único pesquisador latino americano a recebê-lo, em 1994, então na quarta edição do prêmio.

A geografia passou por uma reformulação em seus paradigmas e práticas, o que ficou conhecido como Geografia Crítica e, Milton Santos foi um dos pilares de sustentação dessa corrente de pensamento, iniciada na década de 1970 e embasada nos acontecimentos e aproximações com outras teorias, como os posicionamentos da Escola de Frankfurt e a teoria Crítica, o Marxismo não ortodoxo, Gramsci e o Território.

Entre as propostas dessa corrente geográfica estava um novo ensino da geografia, mais voltado ao entendimento do espaço social e a cidadania do que na memorização dos temas, datas, e aspectos físicos dos lugares (rios, serras, por exemplo).

A importância do estudo da geografia da comunicação não é novo, Marques de Melo (2010, pág. 82-99) faz um levantamento do tema nas escala mundial e nacional para

¹ Trabalho apresentado no DT7 - GP Geografias da Comunicação, XII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor Titular do Programa de Mestrado em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba. paulo.silva@prof.uniso.br

abordar a importância tanto dessa área quanto do geógrafo Manuel Correia de Andrade, tema central de seu artigo. Afirma o autor:

...ao apresentar as ideias fundamentais de Marshall McLuhan à comunidade acadêmica brasileira, Anísio Teixeira o identifica “como um dos mais autorizados videntes da nova era”. Naturalmente, a complexidade dessa “nova era tribal da aldeia mundial” não escapou à compreensão crítica do educador baiano. Estava implícito o reconhecimento do “estado de alerta” evidente no comportamento das vanguardas contemporâneas, “em contraste com os nossos antepassados espontaneístas e semiconscientes” (Teixeira, 1972).

Isso explica a defasagem que marcou o agendamento da questão no âmbito nacional. Ela só foi reconhecida institucionalmente em 1991, durante o congresso “O Novo Mapa do Mundo”, promovido pelo Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo, sob a liderança dos geógrafos Milton Santos e Maria Adélia de Souza.

Ocupando, naquela conjuntura, a direção da principal unidade universitária de comunicação do país (ECA-USP), sede da associação latino-americana de ciências da comunicação (ALAIIC), fui por eles convidado a participar dos debates.

Apresentei um estudo sobre a presença do Brasil no mapa audiovisual latinoamericano (Scarlatto, Santos e Sousa, 1993).

Contudo, existem vestígios de incursões bem anteriores nesse território fronteira, configurando uma espécie de geografia precoce da comunicação brasileira. Seus agentes são os intelectuais Caio Prado Jr., Sérgio Buarque de Holanda e Fernando de Azevedo, que pertenceram ao quadro de pioneiros da Universidade de São Paulo (Marques de Melo, 2007).

Isso nos leva a indicar uma hipótese que, a priori, parece bastante simples de comprovação, a saber: que a geografia configurou-se como importante área para o entendimento do mundo a partir do processo de globalização, ainda em curso. E, a comunicação se fortaleceu teoricamente a partir do fim dos anos 1980 quando incorporou os conceitos geográficos na sua explicação do mundo. Indicamos que parece simples de comprovação pelo tratamento dado pelas mídias e pelo uso dos conceitos geográficos nos artigos da comunicação.

Porém, essa simplicidade é apenas aparente e a relação direta entre geografia – comunicação, no entendimento do mundo por parte do público em geral, não é tão claro. Podemos exemplificar utilizando o livro *O País Distorcido* (2002) que reúne os textos publicados por Milton Santos na *Folha de S. Paulo* ao longo de 20 anos, de 1981 a 2001, quantos leitores desse jornal entendiam os textos publicados como geográficos? E quantos entendiam como geografia da comunicação?

Impossível responder a isso de forma categórica, tão pouco são respostas, mas o certo é que o geógrafo soube utilizar as mídias para trazer um pouco de luz às questões contemporâneas como a geografia, globalização, o território, nossa modernidade latino americana, entre outros temas que o livro citado aborda.

Destacamos aqui o artigo Geografia, publicado em 13/04/1997, onde ele trabalha com três noções: o meio técnico-científico-informacional, as redes e a cidade global. A primeira noção demonstrando, entre outras coisas, que o contraste dentro do território brasileiro agora era feito através desse “meio técnico-científico-informacional, espaço de artifício, formado, sobretudo, pelo Sul e Sudeste, e, de outro o resto do território nacional”(pág 82). No tocante às redes, indica que “graças ao processo das técnicas e das comunicações” (Idem) o território das redes está superposto ao das regiões, e assim a economia global pode realizar-se. Já as cidades globais são “aquelas que dispõem dos instrumentos de comando da economia e da sociedade em escala mundial”.

Conforme lembra outro autor da geografia, José William Vesentini, em um tom de crítica ao papel de Milton Santos na Chamada GeoCrítica, quando afirma que ele soube se utilizar da mídia, onde foi abordado por diversos veículos de comunicação, nacionais e internacionais:

...é inegável a importância que Milton Santos teve na difusão, através da mídia, da geocrítica brasileira. Ele foi o único geógrafo a sair nas páginas amarelas da revista Veja, a ser longamente entrevistado em praticamente todos os programas importantes da televisão e também em todos os principais jornais e revistas do país, a escrever periodicamente colunas na página 3 do jornal Folha de S. Paulo etc... a partir dos anos 1990 pouco a pouco a figura de Santos e a geocrítica brasileira passaram a se confundir em nível da mídia. Isso nunca ocorreu no plano da realidade – das pesquisas, das teses e das obras publicadas – e muito menos na consciência da maior parte dos geógrafos, em especial do professorado. Mas sem dúvida que ocorreu na mídia e, conseqüentemente, na compreensão de boa parte do público e até dos profissionais de outras áreas.

E, adiante, em sua perspectiva analítica conclui:

Resta apenas avaliar se essa identificação da Geocrítica brasileira com a figura do Milton Santos, operada pela mídia, foi positiva ou negativa. Talvez tenha sido positiva na medida em que contribuiu para ampliar o espaço da geografia nos meios de comunicação de massas. Mas talvez tenha sido negativa na medida em que obliterou outras falas, outros caminhos e alternativas diferenciadas, sugerindo uma homogeneidade onde sempre houve pluralidade e uma rica complexidade.

Dessa forma, parece-nos apropriado, neste momento, passados dez anos da morte de Milton Santos, fazer um balanço de sua produção acadêmica e, por conseguinte, de seu percurso intelectual, visto que, conforme as diversas obras entrevistas deixadas e registradas com o geógrafo, fica claro que sua vida-obra é, também, obra-vida.

Método e Metodologia

Em uma tentativa de aproximação teórico metodológica entre a geografia e a teoria da comunicação, Nogue Font e San Eugenio (2009, pag. 41) nos oferecem um interessante panorama comparativo do desenvolvimento da epistemologia dessas áreas do conhecimento. Destacam os autores que

Definitivamente, o espaço teve e segue tendo uma grande relevância na teoria da comunicação, apesar de não existir... Verdadeira intenção de explorar dito conceito em estreita colaboração com a tradição geográfica, algo parecido com o que aconteceu com o conceito de paisagem, cada vez mais relevante na teoria da comunicação.³

Os dois autores citados fazem a análise do conceito de paisagem e como a paisagem pode comunicar e oferecem um panorama que vai desde os usos que a propaganda e o marketing fazem do conceito chegando a oferecer um modelo de análise comunicativa da paisagem.

Com base nesses estudos podemos indicar também que, a obra de Milton Santos, oferece possibilidades de ser investigada partindo dos estudos da comunicação.

Uma possibilidade Metodológica é, com base na citada tabela, relacioná-la com a divisão dos momentos, que consideramos significativos, da obra de Santos:

Período da produção pré-exílio, uma geografia descritiva, de 1948 a 1965;

Período do exílio, a caminho de uma geografia brasileira, de 1965 a 1978;

Período da geografia crítica, que podemos dividir em:

1. fase – a questão do espaço – 1978 – 1986;
2. fase - o período técnico-científico-informacional, de 1996 a 2000;
3. fase – o território usado – 2000 e 2001.

Essa opção vai de encontro às propostas feitas pelo próprio autor em várias obras, como “Espaço e Método” (1985), por exemplo, quando insistia que “cada sistema temporal coincide com um período histórico. A sucessão de sistemas coincide com a das modernizações” (p. 23). Aqui também, entendemos que esse períodos sejam capazes de explicar a evolução do pensamento de Santos, assim como indicar suas analogias com aquilo que estava sendo desenvolvido pela comunicação.

³ En definitiva, el espacio ha tenido y sigue teniendo una gran relevancia en la teoría de la comunicación, a pesar de no haber existido, como comentábamos más arriba, un verdadero intento de explorar dicho concepto en estrecha colaboración con la tradición geográfica, algo parecido a lo que ha sucedido con el concepto de paisaje, cada vez más relevante en la teoría de la comunicación. Pág. 43

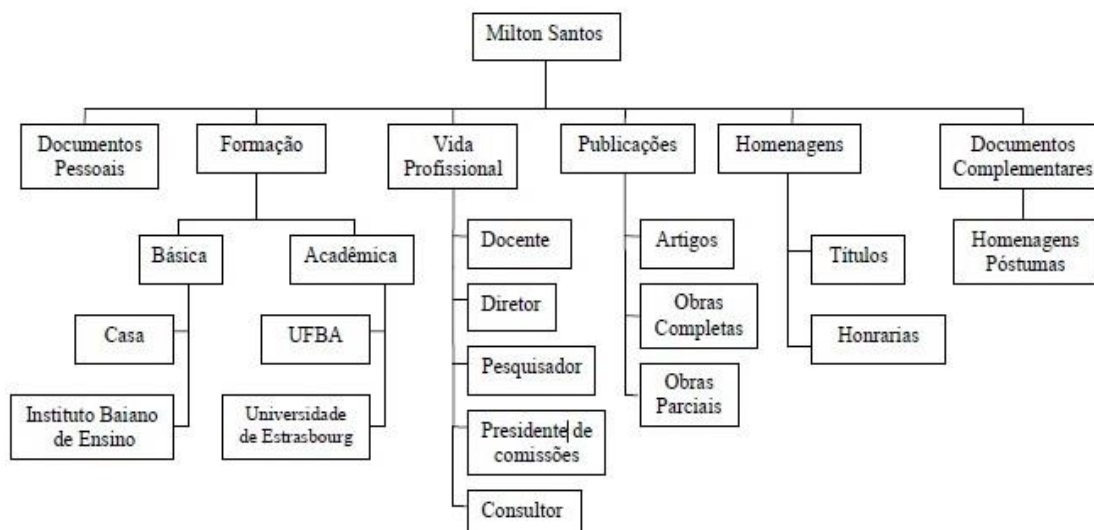
Se cruzarmos os dados da tabela de Nogué Font e San Eugenio com nossa periodização, podemos “cartografá-la” da seguinte maneira:

Época	Teoria da geografia	Teoria da Comunicação	Conceitos predominantes e compartilhados	Milton Santos
1940-1960	Geografia Teórico-quantitativa ou <i>New Geography</i>	Perspectiva funcionalista da comunicação	Paradigma quantitativo e positivista	Período da produção pré-exílio, uma geografia descritiva, de 1948 a 1965 produção jornalística na Bahia
Décadas de 1960 e 1970	Geografia Radical	Perspectiva crítica da comunicação	Ruptura com as etapas positivistas anteriores, Interesse por metodologias compreensivas da realidade	Período do exílio, a caminho de uma geografia brasileira, de 1965 a 1978
Décadas de 1960 e 1970	Geografia da Percepção e do comportamento ambiental	Perspectiva interpretativa da comunicação: construtivismo, Escola de Palo Alto, interacionismo simbólico	Processos de construção de significados por parte da sociedade	Período do exílio, a caminho de uma geografia brasileira, de 1965 a 1978.
A partir de 1978 – 1979	Geografia Humanística	Perspectiva interpretativa da comunicação: continuidade das sociologias interpretativas	Busca da dimensão simbólica. Estudo dos processos de vivência experimental	Período da geografia crítica: 1ª fase – a questão do espaço – 1978 – 1986
Finais da década de 1980 até 2002	Pós-modernismo em geografia	Perspectiva interpretativa da comunicação	Resulta insustentável qualquer pretensão de saber uma realidade objetiva (Paul Watzlawick, 1986). Decaída das verdades absolutas. Posicionamentos ecléticos e Efêmeros.	2ª fase: o período técnico-científico-informacional, de 1996 a 2000 e 3ª fase – O território usado, de 2000 a 2002 produção jornalística em São Paulo

Isso nos permite analisar a obra de Santos em seus respectivos períodos, seus diferentes enfoques conceituais e ideológicos, os diferentes meios de comunicação em que Santos vai ocupando espaços para falar dos temas “geográficos comunicacionais”, como por exemplo, a Globalização, as novas tecnologias da comunicação, a comunicação interpessoal, a influência dos meios na sociedade do início do século XXI.

Evidentemente que esses períodos, divididos bem ao modelo de Santos, não são lineares, nossa divisão tem apenas um caráter didático para demonstrar como a obra foi evoluindo com as novas experiências e entendimento da transformação do mundo. O artigo de Santos, Cruz e Barbosa (2008) aponta uma possibilidade para dividir produção intelectual e outros momentos da vida do autor, conforme ilustração abaixo:

ARRANJO FICTÍCIO : ACERVO MILTON SANTOS



Esse quadro fictício nos dá uma amostra da complexidade do pensamento, da vida-obra de Milton Santos para as ciências humanas e sociais.

Conclusão

No ano em que completa 10 anos da morte de Milton Santos e, quando diversas instituições de ensino públicas e privadas, políticas, artísticas, entre outras, rendem suas homenagens ao geógrafo, levantar, estudar e analisar a sua obra a luz das comunicações coloca-se como uma contribuição ao debate nacional do papel do intelectual, ou, parodiando um dos títulos utilizados por Santos, o trabalho do comunicólogo no terceiro

mundo. Mesmo que tal conceito – o de terceiro mundo – esteja em desuso, e para alguns o ideal é 'emergente', sendo que antes era 'em desenvolvimento'; o que vale mesmo é a possibilidade de reflexão de perguntas como: Pode-se falar de uma especificidade do espaço dos países subdesenvolvidos? Essa questão, levantada em 1978 na obra *O Trabalho do Geógrafo no terceiro Mundo* (pág. 121), continua atual e, se pensarmos na comunicação, podemos falar em especificidade dos espaços comunicacionais dos países subdesenvolvido?

Milton Santos sempre gostava de afirmar que a “realidade aponta para o futuro como tendência” (1990, pág.110) e em várias obras trata do tema de maneira otimista. Na obra *Natureza do Espaço* (pág. 224) afirma:

O presente não é um resultado, uma decorrência do passado, do mesmo modo que o futuro não pode ser uma decorrência do presente, mesmo se este é uma "eterna novidade", no dizer de S. Borelli (1992, p. 80)¹³⁴. O passado comparece como uma das condições para a realização do evento, mas o dado dinâmico na produção da nova história é o próprio presente, isto é, a conjunção seletiva de forças existentes em um dado momento. Na realidade, se o Homem é Projeto, como diz Sartre, é o futuro que comanda as ações do presente.

Em *Metamorfose do Espaço Habitado* (pág. 8) discorria:

Como o Futuro não é único, mas deve ser escolhido, são as ciências sociais que se tornam as ciências de base para uma construção voluntária da história. Como? Trata-se de alargar sua base filosófica de tal modo que as preocupações teleológicas não constituem obstáculo à fiel transcrição dos fenômenos.

Na outra obra que, praticamente compõe uma trilogia com os anteriores, *Técnica Espaço Tempo* (pág. 42) afirma:

Um tema, entre outros possíveis, é o da solidariedade na cidade, como um resultado e um acelerador da descoberta. A entrada em ação, hoje, de "massas que estavam relativamente estacionárias" no dizer de Gaston Berger, desarticula o mundo objetivamente articulado, não apenas no agravamento da produção da feiura mas também da beleza. No entanto, encorajada pela mídia, a ciência social (e nela, a urbanologia) dá realce aos temas do horror, quando na metrópole já acontecem fenômenos de enorme conteúdo teleológico, apontando para um futuro diferente e melhor.

Assim, parece acertado que o futuro aponta para novas configurações entre a comunicação e a geografia visto que são áreas onde a realidade imediata está em constante mutação,

desafiando os pesquisadores a encontrar respostas para as demandas sociais que se apresentam. Entendemos que os estudos possíveis na geografia da comunicação ofereçam subsídios para o entendimento do mundo contemporâneo. Nas palavras de André Jansson (2005, pág.1), quando se refere a geografia da comunicação, temos:

A ligação entre geografia e comunicação reside no fato de que (a) todas as formas de representação ocorrem no espaço, e que (b) todos os espaços são produzidas através de representação.... o caráter efêmero da cultura e da sociedade contemporânea convida para uma *volta espacial* nos estudos de mídia. Já há indícios claros de que tal volta está a caminho. Mas não foi ainda formulada em seu pleno potencial. Vou argumentar que a virada espacial pode levar ao surgimento de um novo subcampo no contexto dos estudos culturais, *a geografia da comunicação*, que integrará as análises de *como a comunicação produz o espaço e como espaço produz comunicação*⁴.

Conclui-se então que as pesquisas e análises das obras e reflexões de Milton Santos, em ambas as áreas, são contribuições ao debate e ao avanço na consolidação da geografia da comunicação e, por extensão, do próprio fazer futuro de todos nós.

REFERÊNCIAS

- JANSSON, André. For a Geography Communication. Disponível em www.ep.liu.se/ecp/015/ . Acesso em 10.05.2012.
- MELLO, José marques de. Espaço, tempo e movimento: contribuições de Manuel Correia de Andrade para a Geografia da Comunicação. Disponível em http://publique.rdc.pucrio.br/revistaalceu/media/Alceu20_Melo.pdf . Acesso em 05.05.2012.
- NOGUÉ FONT, Joan e SAN EUGENIO, Jordi. Pensamiento Geográfico versus Teoría de la Comunicación. Hacia un modelo de análisis comunicativo del paisaje. Documents d'Anàlisi Geogràfica. 55, 2009 27-55. Disponível em <http://www.raco.cat/index.php/DocumentsAnalisi/article/viewFile/171748/224066>. Acesso em 01.05.2012.
- SANTOS, Ana Cristina Moura; CRUZ, Joseane Oliveira da e BARBOSA, Safira Loyde Rodrigues. Arranjo fictício do acervo do Profº Dr. Milton Santos. Disponível em http://www.enearq2008.ufba.br/wp-content/uploads/2008/09/11-ana_joseane_e_safira.pdf . Acesso em 05.05.2012.

4 The linkage between geography and communication lies in the fact that (a) all forms of representation occur *in space*, and that (b) all spaces are produced *through representation*. In other words, theories of spatial production must also to a certain extent be understood as theories of communication/mediation.... the ephemeral character of contemporary culture and society calls for a *spatial turn* in media studies. There are already clear indications that such a turn is on its way. But no account has yet been formulated of its full potential. I will argue that the spatial turn might lead to the emergence of a new sub-field within cultural studies, *the geography of communication*, which would incorporate analyses of *how communication produces space and how space produces communication*.

SANTOS, Milton. O País Distorcido. O Brasil, A Globalização e a Cidadania. Publifolha, 2002.

SILVA, Maria Auxiliadora da e SILVA, Fábio Santos da. Uma leitura de Milton Santos (1948-1964).

Revista Geosul, Florianópolis, v. 19, n. 37, p 157-189, jan./jun. 2004.

SILVA, Paulo Celso. Milton Santos. São Paulo, 24 de junho de 2001. Revista de Estudos Universitários, Sorocaba/SP, v. 27, nº2, Dez 2001.

SILVA, Paulo Celso. 70 miltonsantos Bahia. Revista de Estudos Universitários, Sorocaba/SP, v. 23, nº1, jun. 1997.

SILVA, Paulo Celso. 70 miltonsantos Bahia. DVD (5min), 1996.

SILVEIRA, Maria Laura. Milton Santos: uma obra, uma teoria. Encarte Especial AGB Informa n. 62, 3. Trimestre/1996 – São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros.

TENDLER, Silvio. Encontro com Milton Santos ou o mundo global visto do lado de cá. Rio de Janeiro: Caliban Produções, 2006, DVD (89 min), son., color.

VESENTINI, José William. A geografia crítica no Brasil: uma interpretação depoente. Disponível em <http://www.geocritica.com.br/texto07.htm> . Acesso em 05.05.2012.

Obras de Milton Santos

O povoamento da Bahia: suas causas econômicas", Imprensa Oficial da Bahia, Salvador, 1948.

Estudos sobre geografia. Salvador: Tipografia Manú, 1953.

Os estudos regionais e o futuro da geografia. Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1953.

Zona do cacau, introdução ao estudo geográfico" 1.^a edição, Imprensa Oficial da Bahia, Artes Gráficas, Salvador , 1955. 2.^a, Companhia Editora Nacional, São Paulo, Col. Brasileira, vol. 296, Biblioteca Pedagógica Brasileira, 1957.

Estudos de geografia da Bahia" (em colaboração com J. Tricart e outros) Livraria Progresso Ed., Salvador, fotos e mapas, 1958.

Localização industrial. Separata da Revista Brasileira de Geografia nº3 – Ano XX – Jul/Set – 1958. Salvador: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Conselho Nacional de Geografia. Rio de Janeiro. 1958.

A cidade como centro de região: definições e métodos de avaliação da centralidade. Publicação da Universidade da Bahia. Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais. VII – 3. Salvador. 1959a.

Marianne em preto e branco" (viagens), Livraria Progresso Editora, Salvador, 1960.

A rede urbana do Recôncavo. Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1959.

O centro da cidade do Salvador: estudo de geografia urbana. Edição conjunta com a Universidade da Bahia. Livraria Progresso Editora, 1959.

A cidade nos países subdesenvolvidos. (Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira S.A 1965.

Croissance démographique et consommation alimentaire dans les pays sous développés (Paris, 1967).

Aspects de la géographie et de l'économie urbaine des pays sous-développés, 2 fasc. (100 e 92p.), Centre de Documentation Universitaire (CDU), Paris, França, 1969.

Dix essais sur les villes des pays sous-développés", Ed. Ophrys, Paris, França, 1970.

Le métier du géographe en pays sous-développés. Ed. Ophrys, Paris, França, 1971.

Les villes du Tiers Monde, Ed. Génin, Librairies Techniques, Géographie Economique et Sociale, tome X, Paris, França, figs., mapas e fotos, 1971.

- Geografía y economía urbanas en los países subdesarrollados", Ed. Oikos-Tau, Barcelona, Espanha, Colección Ciencias Geográficas, fig., 1973.
- Underdevelopment and Poverty: a Geographer's View, The Latin American in Residence Lectures, University of Toronto, Canadá, 1972-1973, 1975.
- L' espace partagé", Editions Librairies Techniques, M. -Th. Génin, Paris, França, 1975.
- Por uma geografia nova. São Paulo: HUCITEC, 1978
- O trabalho do geógrafo no Terceiro Mundo, HUCITEC, AGB, São Paulo, 1978 (4.^a edição, 1996).
- Pobreza urbana, Coleção Estudos Urbanos, HUCITEC-UFPE, São Paulo, 1978 (2.^a edição, 1979).
- O espaço dividido. Livraria Editora Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1978.
- Economia espacial: críticas e alternativas. HUCITEC, São Paulo, 1978.
- The Shared Space: the Two Circuits of the Urban Economy and its Spatial Repercussions, Methuen, Inglaterra, Londres, 1979.
- Espaço e sociedade, Editora Vozes, Petrópolis, 1979 (2.^a edição, 1982).
- A urbanização desigual. Petrópolis: Editora Vozes, 1980 (2.^a edição, 1982).
- Manual de geografia urbana. São Paulo: HUCITEC, 1981 (2.^a edição, 1989).
- Pensando o espaço do homem, São Paulo: HUCITEC, 1982, (3.^a edição, 1991).
- Ensaio sobre a urbanização latino-americana. São Paulo: HUCITEC, 1982.
- Pour une géographie nouvelle, Editions Publisud, Paris, França, 1985 (2.^a edição, 1986).
- Espaço e método. São Paulo: Nobel, 1985.
- Espacio y método Barcelona: Oikos-tau, 1986.
- O espaço do cidadão. São Paulo: Nobel, 1987.
- Metamorfoses do espaço habitado. São Paulo: HUCITEC, 1988
- Novos rumos da geografia brasileira. São Paulo: HUCITEC, 1988.
- Por una geografía nueva. Madrid: Espasa Calpe 1990.
- Metrópole corporativa fragmentada: o caso de São Paulo. São Paulo: Nobel, 1990.
- Espace et méthode. Paris: Publisud, 1990.
- A urbanização brasileira. São Paulo: HUCITEC, 1993.
- Por uma economia política da cidade. São Paulo: HUCITEC, 1994
- Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: HUCITEC, 1994.
- De la totalidad al lugar. Barcelona: Oikos-Tau, 1996.
- Metamorfosis del espacio habitado Barcelona: Oikos-Tau, 1996.
- A natureza do espaço. São Paulo: HUCITEC, 1996.
- Metamorfoses do Espaço Habitado. São Paulo: HUCITEC, 1996.
- Fim de século e globalização. São Paulo: HUCITEC-Anpur, 1997.
- Por uma outra Globalização. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- Território e sociedade. São Paulo: Perseu Abramo, 2000.
- Brasil: Território e Sociedade no Início do século 21. Rio de Janeiro: Record, 2001.